

O MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mônica Baldiotti Campolina Ferreira¹

Orientador: Marcelo Ricardo Pereira – FaE/UFMG

Resumo

Buscando entender o que pode ser caracterizado como mal-estar docente na Educação Infantil e os seus efeitos, levantamos os problemas que as professoras mais citam; os fatores do desgaste da profissão e refletimos sobre possíveis saídas, através do grupo focal. O mal-estar é constitutivo daquele que se aliena das propostas civilizatórias, queixa das tarefas impossíveis, mas envolve-se sempre em projetos como forma atenuante do mal-estar.

Palavras-chave: mal-estar docente, educação infantil, grupo focal, psicanálise.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda uma pesquisa na interface educação infantil e psicanálise, realizada em 2011 e 2012 como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nos últimos anos, é notável que o trabalho docente sofreu grande desgaste e que a figura idealizada do professor perdeu seu lugar. No espaço escolar, as precárias condições de trabalho e recursos, a falta de reconhecimento profissional (pela própria sociedade e pela instituição que se insere), a falta de tempo para preparar as aulas, a sobrecarga de tarefas, o descaso de políticas públicas em relação ao ensino e os recursos insignificantes destinados à pesquisa e a extensão, a violência escolar e o desinteresse geram o mal-estar e seus sintomas derivados que podem ser sentidos pelo professor e pelos próprios estudantes.

Em se tratando da educação infantil, é importante dizer que

[...] há conquistas evidentes para o campo expressas nas definições legais, desde a Constituição de 1988, passando pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que prescrevem o direito à educação da criança de 0 a 6 anos de idade em instituições educacionais, até a LDB (1996), que define que o profissional para atuar nessa área é o

¹ Integrante do Nepei – Núcleo de Estudos e Pesquisas Infância e Educação Infantil – FaE/UFMG.

professor, com formação na modalidade normal, em nível médio e superior (SILVA, 2008, p. 205).

Porém, ainda hoje, as atividades do profissional que atua na educação infantil,

[...] estão associadas ao papel sexual, reprodutivo, desempenhado tradicionalmente pelas mulheres, caracterizando situações que reproduzem o cotidiano, o trabalho doméstico de cuidados e socialização infantil. As tarefas não são remuneradas e têm aspecto afetivo e de obrigação moral. Considera-se que o trabalho do profissional de educação infantil necessita de pouca qualificação e tem menor valor. A ideologia aí presente camufla as precárias condições de trabalho, esvazia o conteúdo profissional da carreira, desmobiliza os profissionais quanto às reivindicações salariais e não os leva a perceber o poder da profissão (KRAMER, 2008, p.125).

Como a educação infantil é marcada por desigualdades nas possibilidades de acesso, na qualidade do atendimento, no imaginário e por ter na questão do gênero mais um fator para a desvalorização do profissional que atua com crianças de 0 a 6 anos, o problema a que me dediquei no projeto foi a presença do mal-estar docente na educação infantil.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se uma pesquisa de cunho qualitativo. Os dados foram recolhidos em forma de palavras. Os resultados escritos da investigação contiveram citações feitas com base nos dados para ilustrar a apresentação. O quadro ganhou forma à medida que as partes foram recolhidas e examinadas.

Interessou-nos o modo como diferentes professores dão sentido ao problema da pesquisa. Buscamos com este trabalho apreender as perspectivas dos profissionais convidados. Assim, reunimos os sujeitos de investigação para perceber o que eles experimentam e o modo como interpretam as suas experiências.

Para isso, o grupo focal foi utilizado como técnica de investigação. Docentes que atuam na Educação Infantil discutiram o tema proposto, em dois encontros, trazendo elementos ancorados em suas experiências cotidianas.

A partir das teorizações sobre o tema em foco, questões foram postas e um roteiro de trabalho com o grupo foi criado. O grupo foi composto por nove professoras de Educação Infantil, de diferentes redes de ensino, idades, tempo de trabalho e carga de trabalho semanal. Algumas das professoras que participaram foram indicadas por uma

funcionária da Secretaria de Educação do Município e outras foram indicadas por coordenadoras de escolas privadas.

Fizemos as considerações sobre o mal-estar com base no ponto de vista das informantes, respeitando o modo como os dados foram transcritos e da bibliografia existente sobre o tema em questão, tendo como referência a perspectiva psicanalítica e a literatura sobre profissão docente.

A pesquisa foi relevante na medida em que tornar a instituição de Educação Infantil um lugar agradável e saudável que respeite os adultos e as crianças é um primeiro passo para fortalecer o trabalho educativo que acontece neste ambiente. Refletir sobre possíveis formas de minimizar o mal-estar docente demonstra o comprometimento com a primeira etapa da Educação Básica e a valorização do professor, já que “a relação com as crianças, dimensão fundamental da prática em educação infantil, certamente sofrerá os reflexos positivos de contar com adultos que possuem uma auto-imagem positiva e, mais do que isso, que vejam no seu trabalho possibilidades de crescimento pessoal e profissional” (SILVA, 2008, p. 210).

OBJETIVOS

- i. Identificar nas falas dos professores de Educação Infantil o que pode ser caracterizado como mal-estar e os seus efeitos: os sintomas.
- ii. Levantar os principais problemas que os educadores infantis identificam com mais frequência em sua prática;
- iii. Identificar os fatores/situações que de acordo com os educadores infantis causam o desgaste de sua profissão e sejam específicos à educação infantil;
- iv. Contribuir para a reflexão de possíveis saídas para o impasse do mal-estar docente da educação infantil.

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

Na medida em que o principal objetivo da pesquisa foi identificar nas falas das professoras de Educação Infantil o que pode ser caracterizado como mal-estar e os sintomas dele derivado, tornou-se necessário discutir o próprio conceito do termo.

O tema principal do livro *O mal-estar na civilização* de Freud (1930), é o antagonismo irremediável entre as exigências do instinto (pulsão) e as restrições da civilização. Freud extrai as consequências da imersão do ser humano no mundo civilizado e a irredutível coerção da civilização como fonte de mal-estar. Ela apresenta o sentimento inconsciente de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, constituindo o instinto de destruição. Além disso, aponta também que tal sentimento é uma variação topológica da angústia, verdadeiro afeto do mal-estar. Nesse sentido, mal-estar é a própria angústia que se acha “sempre presente por trás de todo sintoma” (Freud, op.cit., p. 159).

Nas escolas, a crise de autoridade docente é vista junto à violência, criminalidade, pobreza das instituições e dos projetos educativos, e tem sentido se relacionados com o esvaziamento do lugar do Pai, assim como propõe Freud (PEREIRA, 2009). Essa posição de professor mestre, todo poderoso, que se assemelha ao Pai, ao Absoluto é impossível de ser mantida atualmente já que, como Freud nos leva a pensar, somos iguais na precariedade e na insuficiência, assim como o mestre que, por também ser precário e insuficiente como os alunos, passa a ser criticado, debochado, e perde a sua autoridade. É claro que numa sociedade de mortais, os professores também mortais não vivem mais numa ordem superior e experimentaram este declínio da imagem do Pai em seu próprio ofício.

O mestre, ao cometer o exagero de acreditar ser todo poderoso e ocupar o lugar da lei, da autoridade, sofre da insegurança de ser fraturado, desautorizado, gerando devido a isso mal-estar ou angústia. Para Freud, esse mal-estar relacional vem tanto da autoridade externa (pai, mãe, professor etc.) quanto do superego (instância psíquica do eu [ego] que internaliza de maneira particular traços da autoridade externa).

Viver na cultura, da forma como ela vem sendo construída, significa estar em mal-estar, preço que pagamos por viver em sociedade que nos exige sempre mais renúncia. O professor é o protagonista do mal-estar, pois se condena ao se vigiar, crendo que dele é exigida a responsabilidade de educar para o futuro. Uma saída para isto – que é verificado pela presente pesquisa – seria a incorporação da provisoriidade da mestria, fazendo o professor de hoje deixar de lado algo da mestria integral, excessivamente moral ou idealizada (PEREIRA, 2009).

A expressão *mal-estar* está presente na obra de Freud para dizer de um estado perturbador que aflige os seres humanos. Emprega-se o termo “mal-estar” em referência

a um estado que antecede os sintomas. Ao escutarmos hoje as professoras de educação infantil que se queixam de sua profissão, como veremos adiante, elas dizem do mal-estar que as situações difíceis em suas práticas lhes causam e das perturbações daí decorrentes. Citam os sintomas físicos como problemas na voz e na coluna, por exemplo, como consequência das exigências e acúmulos de tarefa no exercício da profissão docente.

O MAL-ESTAR DOCENTE E A EDUCAÇÃO INFANTIL HOJE

Com a Constituição Federal de 1988, a Educação Infantil perde o seu caráter assistencialista de amparo e passa a ser um direito da criança e da família. Ela deixa de ser um “luxo” ou um “favor”, como se pensava até então, e é agora um direito a ser melhor reconhecido pela dignidade e capacidade de todas as crianças brasileiras.

Devido a sua expansão e aumento no número de matrículas, foram contratadas pessoas para lidar com o cuidado e com a educação das crianças pequenas sem a formação adequada para tal. Buscavam-se prioritariamente mulheres por acreditar na relação que a educação infantil tinha com o trabalho doméstico e com as habilidades maternas (KRAMER, 2008).

A Educação Infantil pública é um campo relativamente novo. Somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/1996 é que a Educação Infantil se tornou a primeira etapa da Educação Básica, constituída por creches e pré-escolas que, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, são “espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social” (BRASIL, 2009). A LDB também estipula que o profissional adequado para atuar em instituições educacionais como creches e pré-escolas seja o professor.

A profissão docente é majoritariamente composta por mulheres. De acordo com o Censo do professor de 2007, havia 1.882.961 professores e professoras no Brasil, sendo destes 81,94% mulheres e 18,06% homens. O predomínio das mulheres aumenta nas etapas elementares da educação básica: creches (98%), pré-escola (96%) e anos iniciais do ensino fundamental (91%).

Mesmo hoje, os discursos continuam afirmando que a mulher tem aptidões específicas e naturais para os cargos que se aproximam da maternidade, do cuidado com os filhos e o lar pelo fato da docência ser uma atividade que envolve cuidado, zelo e vínculos afetivos. Existe

uma cultura de cuidado com as crianças pequenas, as quais precisam ser necessariamente cuidadas por mulheres ‘tias’, professoras que fazem da escola um prolongamento do lar, cuidando das crianças de forma ‘natural’, pois são culturalmente fabricadas como ‘mães’, carinhosas, dóceis (DHEIN E PINO, 2010, p. 7).

A impressão que fica é a de que qualquer mulher pode assumir o cargo de professora de crianças pequenas, desqualificando e desvalorizando a profissão. Por sentirem-se sem prestígio, as professoras acabam vivendo sob a forma de angústia ou mal-estar.

O cuidado e a educação de crianças pequenas devem acontecer de forma indissociável, tendo igual importância dentro das instituições de ensino, porém, imagina-se que das professoras de educação infantil são geralmente cobrados apenas o cuidado e o zelo (o que não é verdade), deixando os aspectos pedagógicos de lado, o que favorece a desvalorização da profissão.

O GRUPO FOCAL

Na manhã do dia 02 de julho de 2011, aconteceu no CRE (Centro de Referência do Educador) do Município de Pará de Minas, o primeiro encontro de professoras de educação infantil. O grupo foi composto por nove professoras de educação infantil, sendo que sete delas atuavam na rede pública de ensino. Uma das sete professoras também trabalhava como professora de uma escola particular. As outras duas trabalhavam apenas em escolas da rede privada. Além das professoras, o grupo contou com uma moderadora/pesquisadora, que conduziu o grupo e propôs as questões para discussão e com a presença de duas assistentes que deram suporte e se encarregaram de fazer anotações. O encontro teve a duração de duas horas. Um mês após o primeiro encontro, realizamos o segundo grupo focal, na manhã do dia 06 de agosto de 2011, também no CRE. Desta vez, apenas sete das nove professoras do encontro anterior compareceram. Durou aproximadamente 1h e 53min. Embora desejássemos, não encontramos professores de educação infantil que pudessem participar do grupo focal.

A partir dos objetivos da pesquisa e dos dados que surgiram na discussão das questões do roteiro, agrupamos alguns trechos das falas das convidadas em cinco grandes

categorias, a fim de recolher regularidades e singularidades discursivas. Foram, elas: o que pode ser caracterizado como mal-estar docente; os ideais da profissão criados no período de formação; os fatores do desgaste; os efeitos do mal-estar; possíveis saídas para o mal-estar docente na educação infantil.

A categoria “fatores do desgaste” foi subdividida entre problemas de ordem relacional (relação educador-criança, educador-educador, educador-família) e outros que elas enfrentam com frequência: a pressão da alfabetização e preparação para o ensino fundamental; a escassez de tempo, o excesso de trabalho e a descrença em relação ao que fazem; educação inclusiva; recursos físicos, materiais e número de alunos.

O que pode ser caracterizado como mal-estar docente

Definiu-se o mal-estar ou o mal-estar pode ser caracterizado como “(...) os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência” (ESTEVE, 1999, p.25).

É característico do trabalho do professor a ambivalência de ser demandada de sua atividade uma grande responsabilidade que convive com uma intensa desvalorização de sua atuação ante a sociedade atual. A complexidade do trabalho só vem aumentando na medida em que o professor se depara com exigências tão grandes e descabidas para o contexto.

Os ideais da profissão

A profissão docente, o papel da família, dos alunos e da comunidade escolar vem se transformando a cada dia. Frente a isso, não é possível manter os padrões e práticas estabelecidas como ideais, pois o embate do sujeito com as transformações demanda constante reposicionamento frente ao que se configura como ideal. As formas fixas de atuação enquadram os alunos e os professores em estereótipos, ideias preconcebidas ou imagens fixas, que podem ser perigosas por não corresponder à realidade.

A falta de realismo que ameaça a formação de professores é uma tendência geral que subestima a força da razão prática, sobrevalorizando a racionalidade. É comum a formação de professores sugerir que tudo pode ser controlado quando se é um bom profissional e algumas falas das participantes do grupo revelam tal fenômeno.

Fatores do desgaste

Esteve (1999) e Martínez, Valles e Kohen (1997) dividem os indicadores de mal-estar docente em primários e secundários. (PASCHOALINO, 2009, p. 51).

Os fatores primários atuam diretamente na docência, relacionados ao clima da sala de aula, causando tensões negativas em seu trabalho cotidiano. São eles: os recursos materiais e as condições de trabalho; a violência nas instituições escolares; e o esgotamento do docente frente à acumulação de exigências sobre o professor.

Enquanto isso, os fatores secundários estão relacionados ao exercício da docência. Atuam de forma indireta e atingem a eficiência do professor na medida que estabelecem uma diminuição da motivação dele pelo trabalho. São eles: a modificação no papel do professor e dos agentes tradicionais de socialização; a função docente no campo das contestações e das contradições; as modificações do apoio no contexto social; os objetivos do sistema de ensino; e o avanço do conhecimento e da mudança na imagem do professor.

Já os pontos destacados pelos estudos sociológicos de Beger (1957) acerca do mal-estar docente indicavam os baixos salários, as precárias condições de trabalho, as poucas oportunidades de promoção e a queda no prestígio social da profissão como fontes dos mal-estares dos professores.

Trazendo essa discussão para o Brasil, pode-se inferir que as condições de trabalho frente à precariedade material e a pressão psicológica são maiores devido à falta de valorização salarial dos professores e principalmente em se tratando dos professores de educação infantil, que em muitas regiões sequer conquistaram a equiparação do piso salarial.

Dentre os principais problemas que as professoras convidadas relataram com mais frequência, em suas práticas na educação infantil, destacam-se: a escassez do tempo frente à grande carga de atividades, incluindo o grande volume de registros e relatórios que delas são cobrados ao longo do ano, o número de alunos por turma, a falta de recursos físicos e materiais da escola, a cobrança de alfabetizar e preparar as crianças para o ensino fundamental, a falta de suporte para trabalhar com a educação inclusiva e os problemas de ordem relacional. Essas recriminações apresentaram-se semelhantes, salvo algumas exceções, sinal de uma dificuldade geral, somente em parte imputável a contingências particulares.

Em se tratando de educação infantil, as crianças pequenas demandam atenção o tempo todo. Para serem boas professoras precisam de tempo para planejar e executar. Com boas intenções e comprometimento, sentem vontade de abraçar as ideias, aderir aos projetos, mas quando percebem que estão sobrecarregadas sofrem por não conseguir finalizar tudo da forma que gostariam.

No grupo, ao falarem sobre a inclusão nas escolas onde trabalham, as professoras demonstraram dificuldade em lidar com os alunos com necessidades educacionais especiais de forma a fazer com que eles se beneficiem das aulas, das atividades, das interações com os colegas e de proporcionar-lhes condições efetivas para realizar integralmente suas potencialidades.

Em geral, as professoras tiveram opiniões semelhantes sobre o quanto a escassez de recursos físicos e materiais, assim como o elevado número de crianças pequenas por professor, interferem negativamente no trabalho que desenvolvem.

Sofrendo o mal-estar: sintomas

Os sintomas são tratados por Freud como “atos prejudiciais” ou pelo menos inúteis para as pessoas, por isso, indesejáveis e causadores de desprazer e sofrimento. Por exigir grande dispêndio mental do indivíduo que luta contra eles, traz um empobrecimento para a vida das pessoas, paralisando-as frente a tarefas que julgam importantes.

Coerente com o aumento dos estudos sobre o mal-estar docente, pesquisas em torno das repercussões do estresse sentido pelos professores² e suas alterações comportamentais, emocionais e fisiológicas que atingem os docentes e o ambiente educacional como um todo, também tem se avolumado.

O adoecimento do professor é objeto de vários estudos que buscam entendê-lo e associá-lo às licenças médicas. Uma queixa comum que constatamos no grupo foi em relação aos problemas de desgaste da função vocal e na coluna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POSSÍVEIS SAÍDAS

As professoras do grupo demonstraram ser bastante comprometidas, afirmando várias vezes que gostam do que fazem e estão no lugar certo. Muitas inclusive expressaram o

² Paschoalino (2009, p. 60) cita brevemente resultados de pesquisas de Canguilhem (2002-2005), Brito (2004), Parra (2005), Messing, Martinez (1997), Sevilla e Villanueva (2000), Neto Silvany (2000), Porto (2006), Gasparini (2005), Gomes (2002) e Duarte e Augusto (2006) sobre este fenômeno, em diversas partes do mundo.

quanto buscam atualizar-se para melhor exercer seu trabalho – sempre em busca daquilo que julgam não conhecer para preencher o vazio, o inalcançável. Porém é preciso ter cuidado, pois os ideais pedagógicos as levam a negarem a sua banalidade e elevarem-se à semelhança do sagrado, da certeza, de um bom exemplo a ser seguido. Entretanto isso nunca é conquistado, por mais vasta que a experiência seja. “Por mais que o discurso pedagógico incuta valores românticos à formação e ao exercício docente, conferindo aos seus profissionais as mais altas exigências de sublimação e de apoteose, todo esse esforço não conhece êxito razoável, quem dera absoluto. A impostura não tarda” (Pereira, 2008, p. 191).

Diante dos desafios cotidianos da educação infantil, as professoras que se sentem despreparadas ficam com medo. Já as que contam com certa experiência frente aos desafios, tal medo desaparece, mas a tensão está sempre presente, bem com a impressão de estar desenvolvendo muitas coisas ao mesmo tempo, sem que nenhuma tenha um efeito positivo ou esperado.

Numa profissão impossível – como Freud se referia à Educação – mesmo dando o melhor de si, o professor tem de aceitar com humildade que nem tudo domina e que o acaso e a intuição também participam dos fracassos e sucessos escolares.

O professor é uma pessoa que vive em civilização. É preciso que ele o saiba e que o assuma no exercício da sua profissão quando depara com emoções, com a cultura, com gostos e desgostos, preconceitos, angústias, desejos, fantasmas de poder ou de perfeição. Como profissional que também trabalha com pessoas, o professor de hoje deveria não repelir estes aspectos e considerá-los normais, analisá-los, falar deles, pedir ajuda quando sentir necessidade.

Tomar o provisório como imperativo ético do exercício docente talvez seja a conduta mais apropriada contra os efeitos do seu declínio. Tais efeitos ocorrem de várias formas. Na educação infantil, especificamente, tomando por base o grupo pesquisado, temos: o grande número de crianças por professora, as condições físicas das escolas, a falta de recursos, as cobranças em preparar a criança para o ensino fundamental, o excesso de papéis (documentação, registros e relatórios), a falta de apoio e orientação do trabalho, a falta de reconhecimento da profissão, os baixos salários, o desgaste de relacionamento no ambiente escolar somados aos problemas cotidianos individuais, a sobrecarga de projetos a desenvolver e a ausência de políticas públicas mais sólidas que legislem e regulem os sistemas de ensino, que desautorizam as professoras.

Reconhecer a impostura como própria do ato de cuidar, educar e ensinar o outro, é reconhecer o inacabamento humano. É claro que isso não deve levar à acomodação, à paralisação das lutas dos que defendem a educação infantil. Concluindo, como sugere o Pereira (2008), o mestre deve ser admitido como um mestre provisório, no sentido de uma provisão passageira. O provisório não se refere a um ato programável que compõe agendas de cursos, não há receitas para saber sê-lo.

A conduta de uma professora provisória pode ser a de se apresentar na instituição em que trabalha integralmente, cheia de razão, de interesse e de intencionalidades, assim como elas se apresentaram no grupo focal. Ao mesmo tempo, admitir-se nem tão vigilante de si e desprendida de outros interesses, permitindo opor-se à exatidão das referências que anteriormente tomavam, sem deixar de envolver, de forma ativa, com os desafios que surgem. Essa pode ser uma forma de atenuar o mal-estar que sentem.

Uma possível saída para o mal-estar docente e, neste caso, na educação infantil, seria que as professoras vissem o ato de ensinar como “mais provisório do que absoluto, mais contingente do que necessário, muito mais circunstancial do que planejado”. (PEREIRA, 2008, p. 200).

Essa provisoriedade assemelha-se a um lugar de passagem, entre o nem tudo saber e o nem nada saber, ativando o desejo de saber por também desejá-lo e não por dominar as técnicas pedagógicas (não que elas não sejam importantes). A incompletude é a fraqueza e a força do professor.

Sugerimos que novos encaminhamentos com o grupo sejam feitos para aprofundarmos nossa compreensão sobre o fenômeno que merece atenção.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Educação. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do censo escolar da educação básica de 2007**. Brasília: INEP, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 5, de 17 dez de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil**. Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 dez. 2009, Seção 1, Pág. 14.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**; tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997 (original de 1930).

KRAMER, S. Formação de profissionais da educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, M. L. A. (org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 3ed – São Paulo : Cortez, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2010). **Censo Escolar 2009**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.educasensomec.inep.gov.br/basica/censo/default.asp>>. Acesso em 02/11/10.

PASCHOALINO, J. B. Q. **O professor desencantado**. Belo Horizonte: Armazéns de Ideias, 2009 (cap. 2: O mal-estar e o adoecimento docente, p. 47-70).

PEREIRA, M.R. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte: Argymentvm, 2008.

PEREIRA, M.R. Mal-estar docente e modos atuais de sintoma. In: CAMARGO, A.M. et al. (orgs.). **Que escola é essa?** Campinas: Ed. Átomo-Alínea, 2009.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SILVA, I. O. A profissionalização do professor da educação infantil: questões sobre a formação dos profissionais que estão em serviço. In: MACHADO, M. L. A. (org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 3ed – São Paulo : Cortez, 2008.

ZARAGOZA, J.M. *Mal-estar docente*. Bauru: EDUSC, 1999.